

*A CRIANÇA PRÉ-ESCOLAR E
ALGUNS DOS SEUS SENTIMENTOS*

Juan José Mourinho Mosquera
Faculdade de Educação da UFRGS

RESUMO

Através de uma revisão dos pontos de vista de Thiesen, Jersild, Lacan, Fages, Freud, Watson, Holmes, Mucchielli, Iákobson, Pedrosa, o autor desenvolve um perfil da criança dos 0 aos 3 anos num primeiro momento, e dos 3 aos 6 anos a seguir.

Aborda a importância do "estádio do espelho" para a consciência de si, a "etapa do negativismo" para a autoafirmação e a do domínio da linguagem.

Paralelamente destaca os sentimentos de cólera, medo, ciúmes, inveja, que têm, como os sentimentos em geral, inegável valor pelo "desencadeamento de ações sociais e anti-sociais".

O autor conclui o artigo estabelecendo a relação íntima que tem no desenvolvimento da criança pré-escolar os aspectos lúdico, o familiar, o intelectual e o mais íntimo, que é o da sensibilidade.

INTRODUÇÃO

Thiessen (1977) diz que a evolução da criança é sumamente rápida, tanto desde o ponto de vista físico e cognitivo como sensorial e sócio-emocional.

Este desenvolvimento não se faz necessariamente de uma maneira seqüencial prevista.

Entre 0 e 3 anos, a personalidade da criança está em rápido desenvolvimento, cujo objetivo maior consiste em diferenciar-se do mundo que a cerca.

A primeira tarefa evolutiva está na discriminação da personalidade infantil do contexto ambiental. Para isto é necessário que a criança desenvolva percepção, sensibilidade, e tenha contato direto com o ambiente.

O mundo da criança de 0 a 3 anos é um mundo de princípio de diferenciação, de aprendizagens ambientais, esquema corporal e crescimento da autonomia perceptiva e sensitiva.

Para Thiessen (1977), a criança de 3 anos apresenta como característica principal a *afirmação do eu*. É uma descoberta que o ser humano realiza, muitas vezes de maneira inesperada, e que surpreende a própria criança e aqueles que a rodeiam.

Jersild (1973) estudou o desenvolvimento do *eu* de maneira bastante profunda e afirmou que a *auto-consciência* não ocorre de um modo abrupto, o que nos permitiria supor que a criança não possuía, até então, conhecimento de si própria; a diferença está que em este conhecimento se torna mais personalizado e adquire um claro sentido discriminativo.

A rigor, a primeira infância abrange desde o final do primeiro ano de vida até o sexto ou sétimo, compreendendo os períodos de expansão subjetiva (que vai de 1 a 3 anos) e o descobrimento da realidade exterior (que vai de 3 a 6 anos).

Nestes momentos, adquire relevo a consciência do corpo, isto é, a imagem corporal, que é o quadro da visão das propriedades físicas e aparência. Segundo Jersild (1973), essa imagem não é apenas uma impressão fotográfica; abrange uma coloração afetiva que está intimamente ligada aos sentimentos e atitudes aprendidas na cultura.

Um meio de estudar a *consciência de si* consiste em notar como as crianças reagem à sua imagem refletida em um espelho.

O reconhecimento da imagem pessoal apresenta nítidas mudanças, de acordo com as idades das crianças; Lacan (apud Palmier, 1977) assinala três etapas no que denomina o *estádio do espelho*.

No primeiro momento a criança percebe o reflexo do espelho como um ser real do qual procura apoderar-se ou aproximar-se. Ela reage diante dessa imagem com uma mímica jubilosa, mas tudo parece indicar que essa presença refletida no espelho, essa imagem que é a sua, é reconhecida como sendo a de outro e inversamente, que a imagem do outro é percebida como sendo a de seu próprio corpo.

A criança compreenderá, em um segundo momento, que o *outro* do espelho é apenas uma imagem e não um ser real. Não tentará mais agarrar a imagem ou procurar o outro atrás do espelho, pois já sabe que não há nada lá.

A terceira etapa está marcada pelo reconhecimento do outro, não somente como imagem mas também como sendo *sua própria imagem*. A criança já sabe que o reflexo do espelho é uma imagem e é a sua.

É através dessa dialética do *ser* e da *aparência* que se realiza a conquista da *identidade do sujeito* pela imagem total que antecipa a unidade de seu corpo.

Essa imagem total do corpo revela-se estruturadora para a identidade do sujeito pela mediação do *corpo próprio*.

A elaboração original de Lacan, segundo Palmier (1977), nos leva algumas das perspectivas mais fecundas sobre a identificação e desenvolvimento da personalidade.

Algumas conclusões podem ser apontadas:

- O sujeito antecipa-se à sua própria maturação, apreendendo a forma total de seu corpo próprio em situação de imagem exterior a ele, em uma época anterior à noção de esquema corporal;
- A criança identifica-se com essa imagem que não é ela e que, no entanto, lhe permite reconhecer-se. Nesse reconhecimento é que realiza o *imaginário*;
- Estabelecendo uma relação entre seu corpo e essa imagem ela preenche um vazio, um espaço entre os dois termos da relação com um desejo que define o ego;
- A forma assumida pelo corpo no espaço imaginário do sujeito pode ser denominada Gestalt, enquanto ela estrutura o ego que só existe em função dessa imagem e do próprio *imaginário*.

Como já foi assinalado, a identificação primitiva da etapa do espelho é o princípio de todas as identificações interiores do sujeito.

Para Fages (1975), a identificação primária da criança com sua imagem é como que o tronco de todas as outras identificações. É uma identificação *dual*, quer dizer, reduzida a dois termos (o corpo da criança e sua imagem imediata, "narcísica" dizia Freud). Lacan a qualifica de *imaginária* porque a criança se identifica a um duplo de si mesma, a uma imagem que não é ela própria mas que lhe permite reconhecer-se. Deste modo a criança preenche um vazio, uma brecha, um hiato entre os dois termos da relação: o corpo e sua imagem.

É interessante notar que o desenvolvimento da sensibilidade está intimamente unido à configuração pessoal que cada ser humano elabora na infância. Se na idade de 3 anos é substancial a estruturação do *eu*, podemos compreender como os sentimentos adquirem um valor especialmente predominante para reconhecimento de uma totalidade personalógica.

Na idade pré-escolar acontece um primeiro grande drama da existência, é a *constituição do eu*. De uma parte, o estádio do espelho constitui o advento de uma unidade e uma subjetividade que vão permitir uma primeira experiência de localização do corpo. De outra parte determina uma alienação, uma subjugação da criança à sua imagem, aos seus semelhantes ou ao desejo da mãe.

A crescente consciência de si mesma, por parte da criança, encerra acentuados matizes emocionais. Estas experiências estão intimamente relacionadas à auto-descoberta e radicam, essencialmente, na localização do próprio corpo e dos seus órgãos vitais.

Quando a criança já aprendeu a falar, os sinais de consciência de si mesma tornam-se cada vez mais evidentes, como ocorre quando, por exemplo, a criança distingue corretamente o *eu* do *você* e o *meu* do *seu* e é capaz de distinguir os sonhos dos fatos reais e também reconhecer certos sentimentos como próprios. Jersild (1973) dá um exemplo bastante significativo quando diz que uma criança pequena de 4 anos pode assim expressar-se: "Não amole, estou de mau humor".

O *eu* tem uma fase notável de desenvolvimento quando a criança começa a afirmar-se em oposição aos outros. Isto se encontra na chamada *etapa do negativismo*, que principia por volta dos dois anos de idade.

Trata-se de um momento em que as crianças parecem estar testando suas faculdades de auto-afirmação nas relações com os outros.

Maiores evidências se encontram quando a criança é capaz de se comparar com os companheiros, testando suas forças em competições. E o fator mais importante do desenvolvimento do *eu* acontece quando a criança pode formular críticas abertas ao seu próprio trabalho.

Até os seis anos de idade, pois, a personalidade infantil se desenvolve em um universo bastante significativo. Esta marcado por uma vida plena de riqueza emocional.

Por outro lado, a aquisição e o domínio da linguagem transtornam todo o sistema de comunicações. A comunicação que antigamente era feita por choros ou gritos, passa a ser agora articulada e as palavras parecem embriagar as crianças, pois repetem freqüentemente, como um poder mágico, as sílabas, para sentir o som e a estrutura da mesma.

A sensibilidade se evidencia pela *vontade de poder* que está intimamente unida a afirmação da criança, e a aceitação por parte daquelas pessoas que ela considera como significativas e relevantes.

Na etapa pré-escolar, especialmente com quatro anos de idade, se iniciam as experiências de vida social e grupal e parece que a criança apresenta uma combinação de independência, sociabilidade, anseio de afirmação e poder, tornando-a, por vezes, aparentemente contraditória.

Os 5 anos de idade estão caracterizados por um estilo pessoal e que se manifesta através dos comportamentos, na vida de relação, e de maneira notável no jogo.

Finalmente, os seis anos de idade parecem encerrar a denominada, por muitos autores, primeira infância e na nossa cultura a criança estaria pronta para entrar na escola.

Fortes sentimentos de moral e justiça afloram neste momento talvez decorrentes do maior contato social e da ampliação no relacionamento dentro e fora do lar.

Já com bastante antecedência, Jersild assinalou o papel da classe sócio-econômica no desenvolvimento da criança. Para este autor é provável que a criança, em dado ponto da infância, venha a formar uma concepção, mais ou menos clara, da condição sócio-econômica ou da classe social da sua família. Não tardará em se tornar consciente da sua filiação religiosa, nacionalidade dos próprios pais e ramo étnico do qual provém. Parece, entretanto, que a diferença de classe social não se define nitidamente nas crianças antes de terem passado alguns anos na escola de primeiro grau.

O DESENVOLVIMENTO DA SENSIBILIDADE E ALGUNS SENTIMENTOS E EMOÇÕES NO PRÉ-ESCOLAR

As emoções das crianças aparecem em esquemas diferenciadores que, de certo modo, já tinham-se estabelecido em épocas anteriores, pois os primeiros contatos determinarão algumas das possibilidades dos comportamentos focalizados principalmente na figura da mãe. Watson (1974) manifesta que grande parte das emoções nesta etapa da vida está intimamente unida ao processo de aprendizagem. Este autor procurou estudar alguns dos aspectos emocionais mais significativos, entre eles aponta:

CÓLERA. As respostas fisiológicas, na cólera, tais como a mudança de frequência das batidas do coração, a alteração da tensão arterial, o tensionamento e o pranto, parecem ser inatas. Entretanto, estudando a relação entre o comportamento e a manifestação da cólera, podemos ver até que ponto a energia vital é canalizada.

Parece que entre os 2 e 5 anos decrescem, de forma constante, as expressões de cólera, sob a forma de descarga não dirigida. Não parecem existir variações de tendência definida no que se refere à resistência motora ou verbal. Nota-se, porém, um aumento nas expressões de tipo reivindicatório.

Como ato específico de cólera, o pranto era a forma mais freqüente até os quatro anos de idade. A partir deste momento existe uma diminuição de grande regularidade, aumenta a ação de surrar os outros e diminui o fato de atirar-se no chão com aumento das atividades heróicas, corpo tensionado e olhares desafiantes. A cólera é resultante, na infância, de diferentes atos considerados conflituosos. Temos:

- conflitos derivados de atos físicos, tais como a resistência a ir ao quarto de banho, deitar-se, sentar-se, comer e por dificuldades ao lavar o rosto e as mãos;

- conflitos com a autoridade, que são respostas que as crianças dão por lhes ter sido negada a permissão para efetuar qualquer atividade e também por não compreender o princípio da autoridade paterna ou materna;
- problemas de relação social, como os que surgem quando não se dá atenção às crianças e nem são compreendidos seus anseios.

Parece que entre os 4 a 5 anos de idade existem muitos problemas derivados do relacionamento social entre as próprias crianças, com freqüentes brigas e manifestações de cólera. É evidente, pois, que o sentimento de cólera, tão comum na idade pré-escolar, tem causas gerais que podem ser manifestadas através de estados de carência, falta de afeição, excessivo mimo e uma educação ambivalente e contraditória.

A manifestação deste sentimento varia de acordo com a hora do dia, às vezes acontece antes das refeições ou após um horário noturno no qual a criança começa a sentir excessivo cansaço. Também uma indisposição passageira pode influir sobre a manifestação de cólera, bem seja por uma gripe ou diarreia.

Entretanto, o fator mais significativo está no relacionamento entre a cólera, frustração e agressão. Watson (1974) refere-se ao célebre trabalho de Sears e outros (1975), manifestando que a derivação teórica da agressão sugere que sua origem está na capacidade de produzir dor a outros como método de afastar sua interferência em um comportamento que tem uma meta. Se uma mãe não alimenta a criança quando esta tem fome ou não lhe presta atenção quando procura sua afeição, a criança provavelmente surtará a mãe ou chorará com força suficiente para incomodá-la.

É possível que a mãe, a fim de eliminar esta dor ou aborrecimento, dê de comer à criança ou lhe ofereça o afeto que procurava. Este ato de recompensa não só reforça as primeiras *feridas* mais ou menos fortuitas infringidas pela mãe senão que, ao mesmo tempo, causa outros dois efeitos adicionais. Em primeiro lugar, *fixa* o ato de incomodar como um impulso secundário e a partir de então a criança, de forma crescente e graças ao contínuo reforço, obterá prazer ferindo a outras pessoas. Em segundo lugar, a situação imediata de estímulo que acompanhou a recompensa se converte em um estímulo eficaz para provocar atos que dêem lugar ao reforçamento. Em outras palavras, a criança que se vê recompensada pelos seus comportamentos daninhos desenvolve o impulso de agressão secundária e aprende, desta maneira, a repetir esse ato cada vez que se sente culpável.

MEDO O medo se diferencia do esquema de aflição que aparece nos seis primeiros meses de idade. O medo progressivamente se prende a diferentes causas: deixar a criança sozinha, queda de objetos pesados, quarto escuro, pessoas estranhas, lugares altos, barulhos fortes, cobras, cachorros grandes.

O estudo do medo foi analisado por Jersild e Holmes, que fizeram observações junto aos pais e pediram às mães que referissem qualquer sentimento

de medo que seus filhos tivessem durante 21 dias. Conseguiram detectar que em crianças bem pequenas os medos são difusos, não generalizados e a partir dos quatro anos de idade os medos são específicos e provocam situações de fuga.

Por outro lado, parece que o medo provém das pressões sociais e do tipo de criação que os pais desenvolvem. Há uma relação entre sexo, inteligência e o número de expressões de medo nas crianças. Quanto mais inteligente é a criança, mas frequentes serão as sensações na qual poderá ter medo. Esta correlação não deve surpreender dado que o medo pode aparecer mais facilmente quando se capta o caráter perigoso de uma situação. Deste modo, algumas crianças intelectualmente mais avançadas do que outras da sua mesma idade foram capazes de perceber a existência de perigo onde outros não poderiam fazê-lo.

Os tipos de medo decrescem ao aumentar a idade e os que se intensificam com ela formam, em grandes linhas, dois grupos separados: o medo ante situações imediatas e tangíveis, diminui com os anos. Neste grupo incluímos o medo ante os ruídos, o produzido por objetos específicos, o surgido por causa das quedas ou ante o perigo de que estas ocorram, assim como o que nasce ante objetos estranhos e outras causas similares.

O medo de caráter mais simbólico como, por exemplo, ter medo das criaturas imaginárias, ante a escuridão, a solidão..., aumenta com a idade. O bebê e a criança de poucos anos temem aos acontecimentos tangíveis e as situações do seu ambiente imediato. Com o transcorrer do tempo aumenta a destreza perceptiva e intelectual. A criança de idade pré-escolar não só tem medo de mais coisas que o bebê, senão que tem medo ante *coisas diferentes*. Ao crescer em inteligência, a criança principia a distinguir o medo potencial, o real e o imaginário, coisa que não tinha podido fazer antes.

Ao aumentar a capacidade simbólica e conceitual muda a natureza do medo como fica evidenciado com o aumento deste tipo de sentimentos ante criaturas de imaginação, solidão ou escuro. Pelo mesmo motivo, o aumento da inteligência e do conhecimento faz a criança menos propícia a ter medo de coisas tangíveis como ruídos ou quedas. À medida em que diminui o número de coisas desconhecidas, há também um decréscimo no medo que a criança sente.

Jersild estudou a relação entre os sentimentos de medo e suas evidências sociais e achou algumas explicações extremamente válidas. Em primeiro lugar, descobriu um nexos direto entre os temores que persistem e a situação por si mesma. Em segundo lugar, a criança pode ter medo dos aspectos que rodeiam toda a situação a temORIZADORA; em terceiro lugar pode acontecer um medo generalizado que está ligado às situações ameaçadoras diluídas.

CIÚMES. Segundo Mucchielli (1972), parece ser que o sentimento de ciúmes decorre das situações socializadoras vitais aprendidas.

Os níveis de atenção, satisfação e gratificação pessoal, estão intimamente dependentes das atitudes que os adultos desenvolvem em torno dos comportamentos infantis.

Sendo o mundo infantil extremamente restrito, as experiências afetivas iniciais com pessoas responsáveis tornam-se estímulos que tem íntima relação com a gratificação do comportamento. Por isto podem-se interpretar os ciúmes como manifestações do comportamento, evidenciadas ante situações consideradas ameaçadoras ou punitivas. Por outro lado, a expressão infantil se manifesta nos tipos de comportamento; os ciúmes estão ligados às expressões de medo e cólera e são, primariamente, manifestações de insegurança afetiva que aparecem nesta faixa da vida humana, dado o estado de dependência das crianças a respeito do seus progenitores.

A vida psíquica da criança pré-escolar é bastante complexa. Os seus vínculos sociais tornarão suas ligações afetivas mais profundas e significantes.

As atitudes mudam como mudou o seu estilo de vida. Da extrema dependência inicial passamos, agora, a ter um desenvolvimento mais autônomo: come sozinha, veste-se, deixa organizada a sua roupa, obedece também às indicações verbais dos adultos e larga os brinquedos quando é chamada para comer ou dormir.

Deste modo seu tratamento com aqueles que a rodeiam adquire novos traços e dá lugar a uma atitude emocional mais diferenciada. Determinados objetos, coisas e ações lhe parecem atraentes, sente desejos de tocar, de desmontar, porém numerosas ações lhe estão proibidas e principia a existir o mundo de aquilo que *pode fazer* e do que *não deve fazer*.

A vida da criança pré-escolar, o seu círculo de interesses e fenômenos que a afetam se faz mais complexo e variado. Não se trata já das diferentes pessoas e distintos objetos, senão de normas de comportamento. A atitude para com os fatos, pessoas, animais e personagens é a valorização que os demais fazem de suas próprias ações e tudo isto a conduz à aparição de uma resposta emocional positiva ou negativa.

A resposta emocional da criança se converte em objeto de determinada atitude de aqueles que a rodeiam. Por isto, o elogio dado quando ela cede o seu brinquedo a outra criança é importante e significativo, assim como a censura quando não deseja doar os seus brinquedos. As atitudes dos outros jogam um importante papel sobre a formação emocional das crianças.

Quando os adultos reagem viva e acertadamente ao comportamento da criança, quando expressam claramente sua desaprovação ou dor ante as ações consideradas más, estas ações de resposta ao comportamento emocional da criança consolidam suas respostas positivas ou negativas.

O grau de desenvolvimento emocional no pré-escolar está nos germens do sentimento de vergonha ou de dever e vai unido ao grau de outros sentimentos sociais tais como a benevolência, a atenção para com outras pessoas, a pena ante a dor, a compaixão ante o sofrimento, a predisposição a doar algo próprio em benefício de outros.

Para Iákobson (1968) as vivências como a cólera, a inveja, a má vontade para com o pré-escolar provocam nele aflição, pena e medo.

É importante que a criança seja capaz de compreender o caráter dos vínculos que estabelece com aqueles que a rodeiam e as atitudes que os adultos tomam ante o seu próprio comportamento.

Durante os anos pré-escolares o papel do sentimento é de valor predominante, pois provoca o desencadeamento de ações sociais e anti-sociais.

CONCLUSÕES

Pedrosa (1976), referindo-se à idade pré-escolar, diz que o círculo familiar se ampliou para a criança e se abriu uma nova perspectiva de desenvolvimento socializador.

Em torno dos quatro anos de idade, as relações sociais avançam pelo brinqueado até alcançar o nível de competição e o sentido de *jogar*. Com cinco anos de idade temos a etapa da distribuição de papéis e existe um jogo coletivo, há de fato uma convivência que pode ser considerada como princípios normativos do comportamento.

A grande novidade, neste idade, é a pré-escola, que tem como grande objetivo a socialização e fortalecimento do conceito que a criança elaborou do mundo.

O ambiente pré-escolar é fundamental para acolher a criança no desenvolvimento das suas experiências e expectativas, entretanto é necessário levar em conta as características evolutivas que apresenta assim como a sua própria aprendizagem.

Para o desenvolvimento da criança é básico a valorização social e as exigências que são colocadas como normas às quais deve-se subordinar.

Mas a criança não ouve o adulto somente quando lha dá ordens; o escuta especialmente quando formula frases carinhosas e elogios, e o elogio é uma possibilidade de valorização unida às vivências de alegria, reconhecimento, ternura, que se convertem em um primeiro motor da vida.

O comportamento da criança pré-escolar abarca uma faixa etária bastante abrangente que praticamente inicia no fim do segundo ano de vida e simbolicamente termina com a entrada da criança na escola, de primeiro grau.

Durante esta etapa são importantes as aprendizagens sociais e as manifestações da sensibilidade, adquirem um claro sentido que nos dá indicadores de como o comportamento infantil se processa.

Nestes momentos cria-se todo um clima de desenvolvimento e reconhecimento da *auto-imagem* que se configura lentamente através do descobrimento maravilhado do corpo, da voz e da existência.

A criança é um ser que adquire sentido e começa a jogar a própria vida,

sente-se extremamente unida ao processo de se construir. Assim, os seus jogos, os seus amiguinhos, os seus pais e o seu universo são um desafio para uma inteligência que desabrocha, movida pela qualidade mais íntima que é justamente a sensibilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Departamento de Ensino Fundamental. Coordenação de Educação Pré-Escolar. *Atendimento ao pré-escolar*. Brasília, 1977. 2 v.
2. CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR, 2., São Paulo, 1976. *Anais*. São Paulo, OMEP, 1976.
3. FAGES, J. B. *Para compreender Lacan*. Rio de Janeiro, Ed. Rio, 1975.
4. FRANKENSTEIN, Carl. *Psicodinâmica de la externalización*. Buenos Aires, Troquel, 1972.
5. IÁKOBSON, P. M. *La vida emocional del alumno*. Montevideo, Pueblos Unidos, 1968.
6. JERSILD, Arthur T. *Psicología da criança*. Belo Horizonte, Itatiaia; Brasília, INL, 1973.
7. MONEDERO, Carmelo. *Psicología evolutiva y sus manifestaciones psicopatológicas*. Madrid, Biblioteca Nueva, 1972.
8. MUCCHIELLI, Roger. *La personalidad del niño*. Barcelona, Nova Terra, 1972.
9. PALMIER, J. Michel. *Lacan*. São Paulo, Melhoramentos, EDUSP, 1977.
10. PEDROSA, C. *La psicología evolutiva*. Madrid, Marova, 1976.
11. RUSSEL, C.S. & MOLLIE, S. Smart. *Readings in child development and relationships*. New York, Macmillan, 1977.
12. SEARS, Robert R. & FELDMAN, S. Shirley, org. *As sete idades do homem*. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
13. WATSON, Robert, *Psicología infantil*. Madrid, Aguilar, 1974.

ABSTRACT

Through a revision of Thiessen, Jersild, Lacan, Fages, Freud, Watson, Holmes, Mucchielli, Iákobson, Pedrosa's viewpoints, the author designs a profile of a 0-3 year-old child firstly, and then from the 3-6 year-old.

There is an approach to the importance of the "mirror stadium" for self-consciousness, the stage of negativism for self-assurance and the management of language.

At the same time, the article makes conspicuous that feelings of anger, fear, jealousy and envy have, like feelings in general, an undeniable value because of liberating social and anti-social actions.

By the end, the author concludes the article stating the deep relationships in a pre-school child's development among play, family, intellect, and more than all, sensibility.

(Recebido para publicação em 07.07.81)